

Crise anunciada

A política de juros altos adotada pelo Banco Central tem o propósito de segurar a demanda global na economia. Além de diminuir a pressão sobre os preços de bens e serviços, a redução da demanda global contribuiria também para melhorar as contas do balanço de pagamentos, já que haveria mais excedentes para exportar, enquanto a importação se tornaria menos atraente. Juros altos também favoreceriam a entrada de capitais de curto prazo no país, e isso aliviaria o câmbio, uma das mais fortes fontes de pressão inflacionária.

Mas esse processo de redução na demanda global não ocorre de maneira uniforme e nem ao mesmo tempo em todos os setores da economia. O impacto da política de juros altos será mais sentido daqui para a frente, por exemplo, sobre a construção civil. Como, em consequência dessa política, as taxas de captação de recursos no mercado se descolaram daquelas que podem ser cobradas nos financiamentos para a compra da casa própria pela classe média, a Caixa Econômica Federal — responsável pela maior parte dos empréstimos no segmento — foi obrigada a suspender tais créditos. Embora a própria Caixa venha procurando uma alternativa, dificilmente a suspensão dos financiamentos para a classe média deixará de restringir novos lançamentos no mercado imobiliário. E uma retração na construção civil pode significar mais desemprego entre trabalhadores de

baixa qualificação.

Ou seja, a redução da demanda global seria um fator de agravamento dos problemas sociais mais sérios do Brasil.

Infelizmente o cenário internacional permanece complicado e incerto: é improvável, portanto, uma queda mais acentuada dos juros no curto prazo.

Como o torniquete sobre a demanda global deverá ser mantido pelos próximos meses, é importante que as autoridades econômicas comecem a adotar medidas setoriais compensatórias para evitar que os setores mais sen-

síveis aos efeitos dos juros altos tenham retração mais forte do que for absolutamente inevitável.

A construção civil certamente se inclui entre essas áreas. O setor não pressiona diretamente o câmbio. E como emprega mão-de-obra de pouca qualificação, o nível de consumo decorrente da geração de renda e

emprego está quase todo concentrado em produtos básicos e essenciais, dos quais não será possível abrir mão (é fato que, de alguma maneira, essa demanda será mantida, pois o trabalhador da construção civil que for demitido receberá o seguro-desemprego do governo).

Uma crise na construção civil teria efeito psicológico extremamente negativo, sem qualquer ganho prático para o ajuste do conjunto da economia. Antes que a crise ocorra, o governo precisa encontrar uma fórmula que viabilize a reabertura do crédito imobiliário.

...retração
mais forte do
que for
absolutamente
inevitável
